

scandalous
série sinners of saint, livro 3
l.j. shen

Tradução de Fernanda Semedo



Livros com sexto sentido

Caro Leitor,

SE NESTE MOMENTO TEM ESTE LIVRO NAS MÃOS (E VOU ser presunçosa e supor que tem), isso significa que a menina que sonhava ser escritora concretizou o seu sonho.

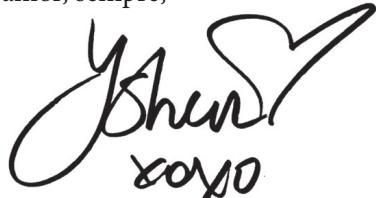
Não pensava consegui-lo quando, há quase uma década, se sentou para escrever *Vicious*. Nessa altura, já não era uma menina, mas sim uma jovem mãe cansada. Estava suficientemente louca e privada de sono para pensar que talvez algures, num sítio qualquer, alguém partilharia o seu amor por machos alfa deliciosos, decadentes e moralmente ambíguos, que são quem são sem pedir desculpa.

Vicious, Jaime, Dean, Trent e Roman agarram-se a nós como fungos. Lenta mas solidamente, e sem que dêmos por isso, até ser demasiado tarde. Ao contrário dos fungos, porém, envelhecem bastante bem à medida que os livros progridem e eles se tornam os homens que se esforçam por ser.

Se pudesse voltar atrás e falar com aquela menina que sonhava em escrever livros e se atrevia a imaginar que chegariam às livrarias, dir-lhe-ia que não se preocupasse. Que ficaria bem. Porque aquela menina? Sou eu.

E ao meu leitor digo: obrigada. Por lhe dar uma oportunidade. Por tornar os seus sonhos realidade. E, acima de tudo, por partilhar da sua paixão por um bom romance apimentado com muito coração e (espero bem) um grau idêntico de alma.

Todo o meu amor, sempre,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Yshen" above a stylized heart symbol, with "xoxo" written below it.

Se ele lhe tocasse, não poderia falar-lhe.

Se a amasse, não poderia ir-se embora.

Se falasse, não poderia ouvir.

Se lutasse, não poderia vencer.

ARUNDHATI ROY, *O DEUS DAS PEQUENAS COISAS*

PLAYLIST



«Believer» — Imagine Dragons

«Girls and Boys» — Blur

«Just the Two of Us» — Grover Washington Jr.

«Pacific Coast Highway» — Kavinsky

«Sweater Weather» — The Neighborhood

«Lonely Boy» — The Black Keys

«Shape (of My Heart)» — Sugababes cover

NOTA

Os cavalos-marinhos preferem nadar
aos pares com as caudas entrelaçadas.
São um dos raros animais monogâmicos
e empreendem uma dança nupcial
de oito horas, que, entre outras coisas,
inclui nadar lado a lado e mudar de cor.
São românticos, elegantes e frágeis.

Tal como o amor.

Recordam-nos de que o amor deve ser
selvagem, tal como o oceano.



PRÓLOGO

EDIE



GULA

Plural — gulas

- 1: excesso a comer ou a beber
- 2: ganância ou indulgência excessiva:
«acusou a nação de gula de energia»

O pior dos sete pecados capitais. Pelo menos, na minha opinião. E a minha opinião era a que importava naquele momento, sob o im- placável sol do Sul da Califórnia, numa tarde de maio no passeio marítimo de Todos Santos, quando eu precisava desesperadamente de algum dinheiro. Encostada ao corrimão branco que separava o passa- diço movimentado do oceano brilhante e dos iates deslumbrantes, eu observava as pessoas.

Fendi, Dior, Versace, Chanel, Burberry, Bulgari, Louboutin, Rolex.

Ganância. Excesso. Corrupção. Vício. Fraude. Enganos.

Julguei-os. A forma como bebiam os seus *smoothies* orgânicos de dez dólares e deslizavam em *skates* multicoloridos assinados por Tony Hawk. Julguei-os, sabendo perfeitamente que não podiam fazer o mesmo comigo. Eu estava escondida. Velada por trás de um espesso capuz preto, as mãos enfiadas no fundo dos bolsos. Usava *jeans* pretos, justos, um velho par de *Dr. Martens* desatadas e uma mochila esfarrapada *Jansport*, que se manti- nha presa por alfinetes de ama.

Tinha um aspecto andrógino.

Movia-me como um fantasma.

Sentia-me uma farsa.

E, hoje, ia fazer algo que me tornaria mais difícil viver comigo.

Como em qualquer jogo perigoso, havia regras a cumprir: não podiam ser crianças, não podiam ser idosos, não podiam ser tipos medianos com vidas difíceis. Fascinavam-me os ricos, apontando aos protótipos dos meus pais. As mulheres com os sacos *Gucci* e os homens com os fatos *Brunelli Cucinelli*. As senhoras com os cães-d'água a espreitarem dos sacos com taças *Michael Kors* e os cavalheiros que pareciam confortáveis a gastar num charuto o que uma pessoa normal pagava de renda de casa por mês.

Detetar potenciais vítimas no passeio marítimo era embarrasosamente fácil. Todos Santos era a cidade mais rica da Califórnia e, para consternação do dinheiro antigo, os novos-ricos como o meu pai tinham feito deste pedaço de terra o seu lar, armados com veículos monstruosos importados de Itália e joias suficientes para afundarem um navio de guerra.

Abanei a cabeça, contemplando a explosão de cores, cheiros e corpos bronzeados meio despidos. *Foco, Edie, foco.*

Uma presa. Um bom caçador podia farejá-la a quilómetros de distância.

A minha refeição desse dia passara por mim rapidamente, atraindo, sem que o soubesse, a minha atenção. Atirou a cabeça para trás, revelando uma fila direita de dentes brancos. Uma mulher-troféu de meia-idade, vestida de *Chanel*, embrulhada da cabeça aos pés na última moda da estação. Eu não me interessava muito por moda, mas o meu pai adorava mimar as suas queridas amantes com roupas luxuosas e fazê-las desfilar em eventos sociais, onde as apresentava como suas assistentes *muito* pessoais. A minha mãe comprava esses artigos de *design* para si mesma, num esforço desesperado para se parecer com as mulheres mais jovens que o entretevam. Eu reconhecia a riqueza quando a via. E esta mulher? Não passava fome. Nem de comida nem de amor, as duas únicas coisas que importavam.

Mal sabia ela que o seu dinheiro ia comprar-me amor. A sua carteira prestes a esvaziar-se ia encher completamente o meu coração.

— Tenho andado a morrer por uma salada de pato na Brasserie. Achas que podemos ir lá amanhã? Talvez o Dar venha connosco — disse ela com voz arrastada, ajeitando o cabelo platinado, cortado reto pela altura do queixo, com a mão de unhas bem arranjadas.

Estava já quase de costas para mim quando percebi que ia de braço dado com um tipo alto, escuro e bonito, pelo menos vinte anos mais novo do que ela. Uma constituição como a do Robocop e vestido como um David Beckham mais aprumado. Seria o seu brinquedo? Marido? Velho amigo? Filho? Para mim, pouca ou nenhuma diferença fazia.

Ela era a vítima perfeita: distraída, confusa e arrogante. Seguir um caminho separado da sua carteira não passaria de uma inconveniência para esta senhora. Provavelmente, tinha um assistente pessoal ou qualquer outra alma pobre e infeliz a quem pagaria para lidar com as consequências. Alguém que pediria novos cartões de crédito e a emissão de uma nova carta de condução e a libertaria das maçadas da burocracia.

Alguém como a Camila.

Roubar era mais ou menos como andar numa corda bamba. O segredo estava na postura equilibrada e na capacidade de não olhar para o abismo ou, no meu caso, para os olhos da vítima. Eu era magra, pequena e ágil. Movimentava-me pela multidão de miúdas ruidosas em biquíni e famílias a lamber gelados, os olhos apontados ao saco YSL preto e dourado pendente do braço dela.

Os sons tornaram-se abafados, os corpos e as rulotes de comida desvaneceram-se da minha visão, e eu só via aquele saco e o meu objetivo.

Recordando tudo o que tinha aprendido com o Bane, inalei profundamente e atirei-me na direção do saco. Arranquei-lho do braço e fui direita a um dos muitos becos que separavam as lojas e os restaurantes no passeio marítimo. Não olhei para trás. Corri cegamente, desesperadamente, furiosamente.

Tap, tap, tap, tap. As minhas Docs eram pesadas contra o cimento quente por baixo de mim, mas as consequências de não arranjar o dinheiro de que precisava eram mais pesadas no meu coração. O som denso de raparigas a rir no passeio marítimo desvaneceu-se enquanto aumentava a distância entre mim e o meu alvo.

Eu podia ter sido uma delas. Ainda posso. Porque é que faço isto? Porque é que não desisto?

Mais uma esquina e estarei no meu carro, abrindo o saco e examinando o meu tesouro. Bêbeda de adrenalina e pedrada de endorfinas, uma gargalhada histérica borbulhou-me da garganta. Detestava assaltar pessoas. Detestava ainda mais o sentimento que acompanhava o ato. Mas, acima de tudo, detestava-me. Em que é que eu me tinha tornado? E, contudo, a sensação libertadora de fazer algo errado e ser boa a escapar disparava uma seta de êxtase direta ao meu coração.

O meu estômago descontraiu de alívio quando avistei o carro. O velho Audi TT preto que o pai comprara ao seu sócio Baron Spencer era a única coisa que me tinha dado nos últimos três anos, mas mesmo este presente estava cheio de expectativas. Ver-me menos na sua mansão era o seu

objetivo na vida. Na maioria das noites, optava por não ir a casa. Problema resolvido.

Tirei as chaves da mochila, ofegando durante o resto do caminho como um cão doente.

Estava a centímetros da porta do condutor quando o meu mundo girou e os meus joelhos cederam. Levei alguns segundos a perceber que não tropeçara na minha própria falta de jeito. Uma mão firme e grande torceu-me pelo ombro, arrancando-me o ar dos pulmões. A mão segurou-me o braço com uma força que deixaria marcas e puxou-me para o espaço entre uma rulote de comida rápida e uma boutique francesa antes de eu poder abrir a boca e fazer alguma coisa. Gritar, morder ou pior.

Arrastei as botas na direção oposta, tentando desesperadamente libertar-me, mas este tipo tinha o dobro do meu tamanho — e era só músculos. Eu estava demasiado cega pela raiva para lhe ver bem a cara.

O caos ferveu no meu estômago, disparou chamas para os meus olhos e cegou-me momentaneamente. Ele atirou-me contra um edifício e eu soprei, sentindo o impacto do pescoço até ao cóccix. Instintivamente, estendi os braços, tentando arranhar-lhe a cara, pontapeando e gritando. O meu medo era uma tempestade. Navegar através dela era impossível. O estranho segurou-me os pulsos e levantou-mos acima da cabeça, mantendo-os presos de encontro ao cimento frio.

Acabou-se, pensei. *É aqui o teu fim. Por causa de uma estúpida mala, num sábado à tarde, numa das mais lendariamente apinhadas praias da Califórnia.*

Estremecendo, esperei que o seu punho se conectasse com a minha cara, ou pior — que o seu hálito podre pairasse sobre a minha boca, que a sua mão me baixasse as cuecas.

Então, o estranho riu-se.

Franzi a testa e semicerrei os olhos, tentando recuperar o foco e eliminar o terror.

Comecei a vê-lo aos poucos, como uma pintura em execução. Os seus olhos azul-acinzentados foram os primeiros a sair de trás do nevoeiro do medo. Eram safira e prata entrelaçadas, a cor de uma pedra da lua. Depois, vi o seu nariz direito e os lábios simétricos, as maçãs do rosto suficientemente afiladas para lapidarem diamantes. Era pungentemente masculino e intimidante na aparência, mas não foi isso que me fez reconhecê-lo de imediato. Foi o que rolou para fora dele em quantidades perigosas: a ameaça e a aspereza. Era um cavaleiro negro feito de material grosseiro. Cruel no seu

silêncio e castigador na sua confiança. Só o tinha encontrado uma vez, num churrasco em casa do Dean Cole algumas semanas antes, e não trocáramos uma palavra.

Ele não dissera uma palavra a ninguém.

Trent Rexroth.

Éramos praticamente desconhecidos, mas todas as informações que tinha acerca do tipo eram contra ele. Era milionário e solteiro, por isso, decerto, um *playboy*. Era, em resumo, a versão mais jovem do meu pai, o que queria dizer que eu tinha tanto interesse em conhecê-lo como em contrair cólera.

— Tens cinco segundos para me explicar porque é que tentaste roubar a minha mãe. — A voz dele estava completamente seca, mas os olhos? Faiscavam. — *Cinco.*

A *mãe* dele. Merda. Estava mesmo em sarilhos. Embora não conseguisse encontrar dentro de mim arrependimento pela minha decisão, eu tinha acertado em cheio. Ela era uma mulher branca e rica dos subúrbios que não sentiria falta do dinheiro nem da mala, mas era pouca sorte que o sócio do meu pai desde há seis meses fosse filho dela.

— Solta-me os pulsos — disse desabridamente através dos dentes cerrados —, antes que te dê uma joelhada nos tomates.

— Quatro. — Ele ignorou-me completamente, apertando-me os pulsos com ainda mais força, os olhos desafiando-me a fazer algo que ambos sabíamos que eu era demasiado cobarde para, sequer, tentar. Estremeci. Ele não estava realmente a magoar-me, e sabia-o. Apertava apenas o suficiente para me deixar seriamente desconfortável e me pregar um susto do caraças.

Nunca ninguém me magoara fisicamente antes. Era a regra não escrita dos ricos e nobres. Podes ignorar o teu filho, mandá-lo para um colégio interno na Suíça e deixá-lo com a ama até ele ter dezoito anos, mas Deus proíba que lhe ponhas uma mão em cima. Olhei em volta, em busca do saco YSL, a confusão e o pânico a misturarem-se no meu estômago. O Rexroth apercebeu-se logo do meu plano, porque pontapeou o saco e o fez cair entre nós. Bateu-me nas botas com um estrondo.

— Não te apegues muito a ele, querida. Três.

— O meu pai matava-te se soubesse que me tinhas tocado — gaguejei, tentando recuperar o equilíbrio. — Eu sou...

— Filha do Jordan Van Der Zee — interrompeu ele pragmaticamente, poupando-me a apresentação. — Lamento dar-te esta notícia, mas isso não me interessa nada.

O meu pai tinha negócios com o Rexroth e detinha quarenta e nove por cento da Fiscal Heights Holdings, a empresa que o Trent fundara com os seus amigos do secundário. Isso fazia do Jordan uma ameaça para o homem à minha frente, apesar de não ser propriamente patrão dele. A expressão intensamente carranca do Trent confirmava que ele não estava, de facto, assustado. Mas sabia que o meu pai ficaria danado com ele se soubesse que me tocara. O Jordan Van Der Zee raramente me dedicava um olhar, mas quando o fazia era para afirmar a sua posse sobre mim.

Eu queria devolver a provocação ao Rexroth. Nem sequer sabia bem porquê. Talvez por ele estar a humilhar-me — embora uma parte de mim reconhecesse que o merecia.

Os olhos dele atiravam-me facas, queimando-me a pele onde quer que pousassem. As minhas bochechas floriram em carmim e isso perturbou-me porque ele tinha quase o dobro da minha idade e era escandalosamente interdito. Já me sentia bastante juvenil por ter sido apanhada em flagrante, sem precisar do bónus de sentir as minhas coxas cerrarem-se enquanto ele cravava os dedos nos meus pulsos como se quisesse abri-los e rebentar-me as veias.

— Que é que vais fazer? Bater-me? — Empinei o queixo, os meus olhos, a minha voz e a minha posição desafiantes. A mãe dele era branca, por isso, o pai devia ser negro ou birracial. O Trent era alto, robusto e bronzeado. Tinha o cabelo preto quase rapado, estilo *marine*, e usava calças de fazenda cintzentas, camisa branca com colarinho e um *Rolex vintage*. Cabrão lindo. *Filho da mãe deslumbrante e arrogante.*

— Dois.

— Estás a fazer uma contagem decrescente desde o cinco há dez minutos, espertinho — informei-o, arqueando uma sobrancelha. Ele abriu um sorriso tão demoníaco que juro que parecia ter presas, soltando-me os pulsos como se estivessem a arder. Tomei imediatamente um na palma da mão e massagei-o em círculos. Ele pairou sobre mim como uma sombra, completando a contagem com um gemido. — *Um.*

Fitámo-nos, eu, horrorizada, e ele, divertido. A minha pulsação disparou e perguntei-me como seria vista por dentro. Se os ventrículos do meu coração estariam a transbordar de sangue e adrenalina. Ele levantou a mão com uma lentidão provocadora e baixou-me o capuz, deixando a minha melena de ondas louras descer em cascata até à cintura. Os meus nervos desfizeram-se ao sentir-me tão exposta. Os olhos dele exploravam-me ociosamente, como se eu fosse um artigo que ele estivesse a ponderar comprar

no Dollar Tree. Eu era uma miúda gira, o que, ao mesmo tempo, agradava e irritava os meus pais — mas o Trent era um homem e eu andava no décimo segundo ano, pelo menos durante as duas semanas seguintes. Sabia que os homens ricos gostavam de mulheres mais novas, mas não tão novas que os pussem na prisão.

Depois de um longo momento, quebrei o silêncio.

— E agora?

— Agora, espero. — Quase me acariciava a bochecha, quase, fazendo os meus olhos fecharem-se e o meu coração rodopiar de uma maneira que me fazia sentir, ao mesmo tempo, mais nova e mais velha do que os meus anos.

— Esperas? — Juntei as sobrancelhas. — Esperas pelo quê?

— Espero até esta vantagem sobre ti se tornar útil, Edie Van Der Zee.

Sabia o meu nome. O meu nome próprio. Já era bastante surpreendente que me reconhecesse como filha do Jordan só por me ter visto do outro lado de um relvado no churrasco em casa do amigo duas semanas antes, mas isto... Isto era curiosamente excitante. Como podia o Trent Rexroth saber o meu nome, a menos que tivesse perguntado? O meu pai não falaria de mim no trabalho. Esse era um facto confirmado. Tentava ignorar a minha existência sempre que podia.

— Que é que podes vir a precisar de mim? — Franzi o nariz, cética. Ele era um magnata poderoso de trinta e tal anos, e não jogava, de todo, na mesma liga que eu. Não estava a ser dura comigo. Era uma escolha. Eu podia ser rica como ele, ou melhor, eu era, potencialmente, cinquenta vezes mais rica. Tinha o mundo aos meus pés, mas escolhi pô-lo de lado em vez de fazer dele a minha ostra, para grande consternação do meu pai.

Contudo, o Trent Rexroth não sabia disso. O Trent Rexroth não fazia a menor ideia.

Sob os seus braços e escrutínio, sentia-me incrivelmente viva. O Rexroth debruçou-se sobre mim, os seus lábios, feitos para a poesia, o peccado e o prazer, sorrindo para a pele entre a minha garganta e a orelha, e sussurrou:

— Do que preciso é de manter o teu pai com rédea curta. Parabéns, acabaste de te reduzir a um sacrifício potencial.

A única coisa em que consegui pensar quando ele se afastou e me acompanhou ao carro, segurando-me a nuca por trás como se eu fosse um animal selvagem que precisasse desesperadamente de domar, foi que a minha vida acabara de se tornar muito mais complicada.

Ele bateu no tejadilho do *Audi* e sorriu através da janela aberta, bai-xando os *Wayfarers*.

— Guia com cuidado.

— Vai-te foder. — As minhas mãos tremeram, tentando baixar o tra-vão de mão.

— Nem pensar, miúda. Não vales o tempo de prisão.

Eu já tinha dezoito anos, mas isso não fazia diferença. Contive-me a segundos de lhe cuspir na cara quando ele começou a vasculhar na mala da mãe e atirou algo pequeno e duro para dentro do carro.

— Para a viagem. Conselho de amigo: mantém-te afastada dos bolsos e das malas das pessoas. Nem todos são tão agradáveis como eu.

Ele não era agradável. Era a verdadeira definição de um filho da mãe. Antes de poder elaborar uma resposta, ele virou-se e foi-se embora, deixan-do um rastro de perfume intoxicante e de mulheres interessadas. Baixei os olhos para o que me atirara para o colo, ainda perturbada pelo seu último comentário.

Uma barra de *Snickers*.

Por outras palavras, mandara-me acalmar-me — tratando-me como se eu fosse uma criança. *Uma anedota*.

Afastei-me do passeio marítimo em direção a Tobago Beach, arran-jando um pequeno empréstimo do Bane para me aguentar no mês segu-in-te. Estava demasiado desconcentrada para tentar atacar outro alvo que me permitisse dinheiro rápido.

No entanto, esse dia mudara qualquer coisa e, de alguma forma, virou a minha vida numa direção que eu nunca esperara.

Foi o dia em que percebi que odiava o Trent Rexroth.

O dia em que o pus na minha lista de merdas, sem possibilidade de condicional.

E o dia em que percebi que, sob os braços certos, ainda podia sen-tir-me viva.

Era pena que, ao mesmo tempo, fossem tão errados.

CAPÍTULO UM

TRENT



*Ela é um labirinto sem saída.
Uma pulsação etérea e regular. Está ali, mas mal está.
Amo-a tanto que por vezes a odeio.
E isso aterroriza-me porque, lá no fundo, sei o que ela é.
Um enigma irresolúvel.
E sei o que sou.
O idiota que vai tentar recuperá-la.
A qualquer custo.*

-Como é que te sentiste ao escrever isto? — A Sonya levantou o papel com círculos de whisky deixados pelo copo como se fosse a merda do seu filho recém-nascido, uma cortina de lágrimas brilhando-lhe nos olhos. Os níveis de drama estavam altos nesta sessão. A voz dela era débil, e eu sabia o que procurava. Uma descoberta. Um *momento*. A cena-pivô num filme de Hollywood, após a qual tudo muda. A rapariga estranha abandona as suas inibições, o pai percebe que está a ser um sacana sem coração, e trabalham as suas emoções, blá-blá-blá, passa-me um lenço, blá-blá-blá.

Esfreguei a cara, olhando para o *Rolex*.

— Estava bêbedo que nem um cacho quando o escrevi, por isso, devo ter sentido que precisava de um hambúrguer para diluir o álcool — respondi impassivelmente. Eu não falava muito, grande surpresa, e era por isso que me chamavam «o Mudo». Quando falava era com a Sonya, que conhecia os meus limites, ou com a Luna, que ignorava os outros e a mim.

— Embebedas-te muitas vezes?

Desgostosa. Era essa a expressão da Sonya. Normalmente, mantinha

uma expressão profissional, mas eu via através das camadas espessas de maquilhagem e profissionalismo.

— Não é que seja da tua conta, mas não.

Um silêncio ensurdecedor prolongou-se na sala. Batuquei os dedos no ecrã do telemóvel, tentando lembrar-me se enviara aquele contrato para os coreanos. Devia ser mais simpático, visto a minha filha de quatro anos estar sentada ao meu lado, testemunhando este diálogo. Devia ser uma série de coisas, mas a única coisa que era, a única coisa que conseguia ser fora do trabalho, era zangado e furioso e — *Porquê, Luna? Que raio é que eu te fiz?* — confuso. Como é que me tornara um pai solteiro de trinta e três anos sem paciência para nenhuma mulher além da filha?

— Cavalos-marinhos. Falemos deles. — A Sonya entrelaçou os dedos, mudando de assunto. Fazia isso sempre que a minha paciência estava demasiado esticada e prestes a quebrar. O seu sorriso era caloroso, mas neutro, tal como o consultório dela.

Os meus olhos examinaram as pinturas penduradas atrás dela, de crianças pequenas a rir — o género de porcaria que se compra no IKEA —, e o papel de parede amarelo-claro, as poltronas floridas, polidas. Estaria ela a esforçar-se demasiado, ou não estaria eu a esforçar-me o suficiente? Neste momento, era difícil dizer. Olhei para a minha filha e fiz-lhe um sorriso. Ela não o devolveu. Não podia censurá-la.

— Luna, queres dizer ao pai porque é que os cavalos-marinhos são os teus favoritos? — trinou a Sonya.

A Luna sorriu à sua psicóloga. Aos quatro anos, não falava. Nada. Nem uma única palavra ou sílaba. Não tinha qualquer problema nas cordas vocais. De facto, gritava quando tinha dores e tossia quando estava congestionada e cantarolava distraidamente quando passava na rádio uma canção do Justin Bieber (o que, diriam alguns, era já por si trágico).

A Luna não falava porque não *queria* falar. Era um problema psicológico, não físico, vindo sabia-se lá de onde. O que eu *sabia* era que a minha filha era diferente, indiferente e invulgar. As pessoas diziam que ela era «especial», como desculpa para a tratarem como uma aberração. Eu já não conseguia escondê-la dos olhares peculiares e das sobrancelhas arqueadas em confusão. De facto, tornava-se cada vez mais difícil desvalorizar o seu silêncio como introversão e também começava a ficar farto de o esconder.

A Luna era, é e será sempre extraordinariamente inteligente. Teve uma pontuação superior à média em todos os testes a que foi submetida, e eram inúmeros. Comprendia todas as palavras que lhe eram ditas. Era muda

por escolha, mas era demasiado pequena para fazer essa escolha. Tentar convencê-la a sair daquilo era, ao mesmo tempo, impossível e irónico. Por isso, arrastava o meu rabo para o consultório da Sonya duas vezes por semana, a meio do dia de trabalho, tentando desesperadamente persuadir a minha filha a parar de boicotar o mundo.

— Na verdade, sei exatamente porque é que a Luna adora os cavalos-marinhos. — A Sonya fez um beicinho e colocou a minha nota bêbeda em cima da sua secretária. A Luna, por vezes, dizia uma ou duas palavras quando estava sozinha com a psicóloga, mas nunca quando eu estava na sala. A Sonya disse-me que a Luna tinha uma voz lânguida, como os seus olhos, e que era suave e delicada e perfeita. Não tinha qualquer deficiência. «*Soa só como uma criança, Trent. Um dia, ouvi-la-ás.*»

Arqueei uma sobrancelha cansada, encostando a cabeça na mão enquanto fitava a ruiva de seios grandes. Tinha três contratos que precisava de tratar no escritório — quatro, se me tivesse esquecido de enviar o dos coreanos — e o meu tempo era demasiado precioso para conversas sobre cavalos-marinhos.

— Sim?

A Sonya estendeu o braço por cima da secretária, tomindo a minha grande mão bronzeada na sua, branca e pequenina.

— Os cavalos-marinhos são o animal favorito da Luna porque o cavalo-marinho macho é o único animal na natureza que carrega o bebé, e não a mãe. O cavalo-marinho macho é o único a incubar a descendência. A engravidar. A fazer o ninho. Não é lindo?

Pestanejei algumas vezes, desviando o olhar para a minha filha. Eu estava profundamente despreparado para lidar com mulheres da minha idade, mas lidar com a Luna sempre me parecera como disparar um maldito arsenal de balas no escuro, esperando que alguma atingisse o alvo. Franzi a testa, procurando algo no meu cérebro — qualquer coisa, qualquer maldita coisa — que pusesse um sorriso na cara da minha filha.

Ocorreu-me que os serviços sociais ma tirariam se soubessem o quanto eu era deficiente emocionalmente.

— Eu... — comecei a dizer. A Sonya pigarreou e veio em meu auxílio.

— Ei, Luna? Porque não ajudas a Sydney a pendurar algumas das decorações do acampamento de verão lá fora? Tens muito jeito para a decoração.

A Sydney era a secretária do consultório da Sonya. A minha filha começara a gostar dela, visto passarmos muito tempo sentados na área de receção à espera das consultas. A Luna assentiu e saltou do seu assento.

A minha filha era linda. A sua pele cor de caramelo e caracóis castanhos-claros faziam os olhos azuis sobressaírem como um farol. A minha filha era linda e o mundo era feio e eu não sabia como a ajudar.

E isso matava-me como um cancro. Lentamente. Seguramente. Ferozmente.

A porta fechou-se com um estalido suave antes de a Sonya fixar os olhos em mim, o seu sorriso a esmorecer.

Vi novamente as horas.

— Esta noite, vais lá dar uma queca ou não?

— Caramba, Trent. — Ela abanou a cabeça, segurando a nuca com os dedos entrelaçados. Deixei-a passar-se. Este era um problema recorrente com a Sonya. Por uma razão que eu não entendia, achava que podia repreender-me só porque, por vezes, tinha a minha pila na boca. A verdade era que cada pedaço ínfimo de poder que ela tinha sobre mim se devia à Luna. A minha filha idolatrava o chão que a Sonya pisava e permitia-se sorrir mais na presença da psicóloga.

— Parto do princípio de que isso é um não.

— Porque não partes do princípio de que é um abre-olhos? O amor da Luna pelos cavalos-marinhos é uma forma de dizer: «Papá, estou grata por tomares conta de mim.» A tua filha precisa de ti.

— A minha filha tem-me — respondi por entre os dentes cerrados. Era a verdade. Que é que eu podia dar à Luna que não lhe tivesse já dado? Era pai dela quando precisava de alguém que lhe abrisse o frasco dos *pickles* e era mãe dela quando precisava de quem lhe metesse a camisola interior dentro das meias de *ballet* pretas.

Três anos antes, a mãe da Luna, a Valenciana, pusera a Luna no berço, pegara nas chaves e em duas malas de viagem grandes e desaparecera das nossas vidas. Eu e a Val não estávamos juntos. A Luna era o produto de uma festa de despedida de solteiro em Chicago cheia de cocaína, a qual se descontrolara completamente. Tinha sido concebida na sala dos fundos de um clube de *striptease*, com a Val escarrapachada em cima de mim enquanto outra *stripper* estava sentada na minha cara. Em retrospectiva, foder uma *stripper* sem preservativo devia ter-me atribuído um qualquer recorde do Livro do Guinness por estupidez. Eu tinha vinte e oito anos — muito longe de ser uma criança — e era bastante inteligente para saber que o que estava a fazer era errado.

Contudo, aos vinte e oito anos, eu ainda pensava com o pénis e com a carteira.

Aos trinta e três, pensava com o cérebro e com a felicidade da minha filha em mente.

— Quando é que esta charada vai terminar? — Interrompi a Sonya, farto de andar em círculos em redor do verdadeiro tópico em mãos. — Diz o teu preço e eu pago-o. Quanto é preciso para seres exclusiva para nós?

A Sonya trabalhava para uma instituição privada parcialmente financiada pelo Estado e parcialmente por pessoas como este vosso amigo. Não podia ganhar mais de oitenta mil por ano, e eu estava a ser muito otimista. Eu oferecera-lhe cento e cinquenta mil, o melhor seguro de saúde que havia no mercado para ela e o seu filho e a mesma quantidade de horas se ela concordasse em trabalhar exclusivamente com a Luna. A Sonya soltou um longo suspiro, os olhos azuis enrugando-se.

— Não percebes, Trent? Devias focar-te em fazer com que a Luna se abrisse para mais pessoas, não a permitir que ela dependa de mim para comunicar. Além disso, a Luna não é a única criança que precisa de mim. Gosto de trabalhar com clientes variados.

— Ela adora-te — contrapus, arrancando um borboto escuro do meu impecável fato *Gucci*. Pensaria que eu não queria que a minha filha falasse comigo? Com os meus pais? Os meus amigos? Tinha tentado tudo. A Luna não cedia. O mínimo que eu podia fazer era garantir que não se sentia terrivelmente solitária naquela sua cabeça.

— Também te adora a ti. Apenas levará mais tempo a sair da concha.

— Esperemos que isso aconteça antes de eu arranjar uma maneira de a abrir à força. — Pus-me de pé, apenas meio a brincar. A minha filha fazia-me sentir mais impotente do que qualquer outro adulto que eu já tinha conhecido.

— Trent. — A voz da Sonya suplicou quando eu estava junto da porta. Detive-me, mas não me virei para trás. Não. Que se lixasse. Ela não falava muito acerca da sua família quando vinha dar uma rapidinha depois de a Luna e a ama adormecerem, mas eu sabia que era divorciada e tinha um filho. Que se lixasse a Sonya normal mais o seu filho normal. Eles não me compreendiam, nem à Luna. No papel, talvez. Porém, na realidade? Os destruídos, os torturados, as curiosidades? Nem por sombras. A Sonya era uma boa psicóloga. Com falta de ética? Talvez, mas até isso era discutível. Tínhamos sexo sabendo que não havia ali mais nada. Nem emoções, nem complicações, nem expectativas. Ela era uma boa psicóloga, mas, como o resto do mundo, era péssima a compreender aquilo por que eu passava. Aquilo por que nós passávamos.

— As férias do verão começaram agora mesmo. Por favor, peço-te que arranjes tempo para a Luna. Trabalhas tantas horas. Ela beneficiaria muito de estar mais tempo contigo.

Virei-me sem sair de onde estava, examinando-lhe o rosto.

— O que sugeres?

— Talvez tirares um dia livre todas as semanas para passar tempo com ela?

Algumas piscadelas lentas da minha parte foram suficientes para lhe dizer que estava a ultrapassar limites, em grande. Ela recuou, mas não sem dar luta. Os seus lábios ficaram mais finos, dizendo-me que também começava a fartar-se de mim.

— Compreendo. És muito importante e não queres tirar esse tempo. Prometes-me levá-la contigo para o trabalho uma vez por semana? A Camila pode tomar conta dela. Sei que o teu edifício tem uma sala e comodidades para as crianças brincarem. — A Camila era a ama da Luna. Aos sessenta e dois anos, com um neto e outro a caminho, o emprego dela connosco podia acabar a qualquer momento. Por isso, sempre que ouvia o nome dela, algo dentro de mim se remexia desconfortavelmente.

Acenei com a cabeça. A Sonya fechou os olhos, soltando a respiração.

— Obrigada.

No lóbi, peguei na mochila *Cocomelon* da Luna e enfiei lá dentro o cavalo-marinho de brincar. Ofereci-lhe a mão e ela segurou-a. Fomos em silêncio até ao elevador.

— Esparguete? — perguntei, antecipando o desapontamento.

Nada.

— E iogurte gelado?

Nada.

O elevador chegou. Entrámos. A Luna usava ténis-bota pretos, calças de ganga simples e uma *T-shirt branca*. O género de vestuário que conseguia imaginar a miúda Van Der Zee a usar quando não estava a assaltar inocentes. A Luna não era nada parecida com a filha do Jaime, a Daria, nem com as outras meninas da sua sala, que preferiam folhos e vestidos. Não fazia mal, porque ela também tinha zero interesse nelas.

— Que tal esparguete e um iogurte gelado? — Negociei. E eu nunca negociaava. Nunca.

O fraco aperto da mão dela na minha aumentou. *Começa a interessar-se.*

— Pomos o iogurte em cima do esparguete e comemos a ver *Stranger Things*. Dois episódios. Quebramos a rotina da hora de deitar. Podes ir para

a cama às nove e não às oito. — Que se danasse. Era fim de semana e os meus habituais corpos disponíveis podiam esperar. Esta noite, ia ver Netflix com a minha filha. Seria um cavalo-marinho.

A Luna apertou a minha mão uma vez, numa concordância silenciosa.

— Mas nada de chocolate ou bolachas depois do jantar — avisei. Eu era rígido no que dizia respeito à comida e às rotinas em casa. A Luna apertou novamente a minha mão.

— Diz isso a alguém que se importe, menina. Sou o teu pai e estabeleço as regras. Nada de chocolate. Nem rapazes. — Depois do jantar ou noutra altura qualquer.

O vestígio de um sorriso passou pelo rosto dela antes de voltar a franzi-lo, segurando a mochila com o cavalo-marinho de peluche junto do peito. A minha própria filha nunca me tinha sorrido, nem uma vez, nem por acidente, nunca mesmo.

A Sonya estava enganada. Eu não era um cavalo-marinho.

Eu era o oceano.

CAPÍTULO DOIS

EDIE



Sem peso.
Essa sensação nunca envelhecia.
Flutuar numa onda grande, tornar-me uma com o oceano. Curvando-me com habilidade — joelhos dobrados, estômago para dentro, queixo levantado —, focando-me na única coisa que realmente importava na vida — não cair.

O meu fato preto colado à pele mantinha-me quente mesmo na água do mar às seis da manhã. O Bane estava a apanhar outra onda na minha visão periférica, cavalgando-a da mesma maneira que fazia com a sua *Harley* — imprudentemente, agressivamente, *implacavelmente*. O oceano era barulhento. Embatia na margem branca, ensurdecendo os meus pensamentos negativos e bloqueando problemas emocionais que me apoquentavam. Desliguei a minha ansiedade e, por uma hora — só por uma hora —, não houve dramas nem preocupações financeiras nem planos a fazer nem sonhos para serem desfeitos. Não existiam o Jordan e a Lydia Van Der Zee, não existiam expectativas nem ameaças a pairar sobre a minha cabeça.

Só eu.

Só a água.

Só o nascer do Sol.

Oh, e o Bane.

— A água está fria como o raio — rugiu o Bane da sua onda, agachando-se para prolongar cada momento em que deslizava numa das forças mais árduas da natureza. Era muito mais alto e pesado do que eu, mas ainda bastante bom para ser profissional, caso se dedicasse a isso. Sempre que surfava uma onda maléfica, agarrava-se a ela como se tivesse garras de sangue. Porque surfar era como o sexo, não importava quantas vezes o

tivéssemos feito, era sempre diferente. Havia sempre algo novo para aprender, e cada encontro era único, louco de potencial.

— Não é um bom dia para fazer isto nu — resmunguei, os meus abdominais fletindo enquanto contornava a crista da onda para manter o ritmo. O Bane gostava de fazer *surf* como tinha vindo ao mundo. Agradava-lhe porque eu detestava que o fizesse, e pôr-me desconfortável era o seu passatempo favorito. Ver o pénis longo a esvoaçar, por outro lado, distraía-me e irritava-me.

— Vais ter um belo tombo, Gidget — disse ele, lambendo o lábio inferior com um *piercing*. Gidget era uma alcunha para as surfistas pequenas, e o Bane só me chamava isso quando me queria irritar. O seu equilíbrio já era precário e mal se aguentava na sua onda. Se alguma das pranchas ia virar-se, era a dele.

— Vai sonhando — gritei por cima das ondas ferozes.

— Não, a sério. O teu pai está aqui.

— O meu pai está... O quê? — Eu tinha ouvido mal. De certeza. O meu pai nunca me procurara antes, e de certeza que não abriria uma exceção ao romper da madrugada numa praia de areia que não podia acomodar o seu vício por fatos caros. Semicerrei os olhos na direção da costa, perdendo estabilidade, e não só fisicamente. A frente da praia tinha uma fila de palmeiras e *bungalows* cor-de-rosa, verdes, amarelos e azuis. Claro que, entre a variedade de bares, bancas de cachorros-quentes e espreguiadeiras dobráveis amarelas, se encontrava o Jordan Van Der Zee. De pé na praia, sozinho, o Sol a erguer-se atrás dele como que saído diretamente dos portões do inferno. Usava um conjunto *Brooks Brothers* de três peças e uma expressão reprovadora, duas coisas que se recusava a despir mesmo depois do horário de trabalho.

Mesmo de longe, conseguia ver o seu olho esquerdo a tremer de irritação.

Mesmo de longe, sentia o seu hálito quente a descer-me pelo rosto, sem dúvida com outra exigência.

Mesmo de longe, o desespero apertou-me a garganta com uma força fatal, como se ele estivesse demasiado perto, demasiado severo, *demasiado*.

Escoreguei na prancha, as minhas costas embatendo na água. A dor disparou-me da coluna para a cabeça. O Bane não conhecia o meu pai, mas, como toda a gente na cidade, sabia quem era. O Jordan era proprietário de metade da Baixa de Todos Santos — a outra metade pertencia ao Baron Spencer — e anunciara recentemente a sua intenção de concorrer

à presidência do município. Fazia grandes sorrisos para todas as câmaras nas suas proximidades, abraçava os lojistas locais, beijava bebés e até comparecia em alguns dos eventos da minha escola para mostrar o seu apoio à comunidade.

Era amado, temido ou odiado por toda a gente. Eu estava no último grupo, sabendo em primeira mão que a sua ira era uma faca de dois gumes que nos podia esquartejar.

O sabor a sal atacou-me a língua e cuspi, puxando a corrente no meu tornozelo para encontrar a prancha amarela. Conseguí subir, deitei-me de barriga e comecei a empurrar para a margem, com movimentos rápidos.

— Deixa o cabrão esperar — troou a voz do Bane atrás de mim. Lancei-lhe um olhar. Estava sentado na sua prancha preta, com uma perna para cada lado, fitando-me com fogo nos olhos. Os seus longos cabelos louros estavam colados à testa e às faces, os olhos verde-floresta ardiam de determinação. Vi-o através das lentes que o meu pai provavelmente usava. Um sujo vagabundo de praia, com tatuagens a cobrir-lhe a maior parte do tronco e todo o pescoço. Um *viking*, um cavernícola, um neandertal que se sentia confortável a viver nas margens da sociedade.

Uma maçã podre.

Os Van Der Zees só se dão com a fruta mais reluzente do cesto, Edie.

Voltei a olhar para a margem e remei com as mãos com mais força.

— Grande cobarde — gritou o Bane bastante alto para o Jordan ouvir.

Não respondi, e não foi por falta de palavras. O Bane não conhecia a história toda. Precisava de me manter civilizada com o meu pai. Ele segurava o meu futuro nas suas mãos calosas, e eu queria-o de volta.

O Bane obtivera o seu nome por uma razão. Com zero filtros, era essencialmente um reputado *bully*. A única razão para não ter sido expulso da escola era a sua mãe ter uma tonelada de ligações no conselho municipal. Mas o Bane liderava-nos a todos. Os sacaninhas ricos. Os futebolistas corruptos. As chefes de claque que tornavam a existência de todas as outras raparigas um verdadeiro inferno.

O Bane não era um bom rapaz. Era mentiroso, ladrão e traficante de droga.

E, ocasionalmente, meu namorado.

Por isso, apesar de o Bane ter razão — o meu pai era mesmo um cabrão de classe mundial —, o Jordan tinha razão acerca de outra coisa. Eu estava obviamente a fazer escolhas de vida duvidosas.

— Jordan? — perguntei, levantando a prancha horizontalmente e

metendo-a debaixo do braço enquanto me dirigia a ele. A areia fresca agarra-se aos meus pés, entorpecendo-me a pele. A adrenalina do *surf* ainda me percorria as veias, mas sabia que desapareceria assim que eu arrefecesse. Não estremeci, sabendo que o meu pai retiraria algum prazer de ver o meu desconforto e prolongaria deliberadamente a conversa.

Apontou com o queixo por cima do meu ombro, os olhos semicerrados.

— Aquele é o miúdo Protsenko?

Franzi o nariz, um tique nervoso. Embora o Jordan fosse um imigrante de primeira geração, tinha problemas em que eu fosse amiga de um miúdo russo que viera da Rússia para cá com a mãe.

— Disse-te para te manteres afastada dele.

— Não foi a única pessoa de quem me mandaste manter afastada. — Funguei, semicerrando os olhos para o horizonte. — Acho que concordámos em discordar.

Ele apalpou o colarinho da sua camisa formal e desapertou-o.

— Vês, é aí que te enganas. Eu nunca concordei em discordar de ti, Edie. Simplesmente, escolho as minhas batalhas. Chama-se boa parentalidade e tento praticá-la o mais possível. — O meu pai era um camaleão, mutável e adaptável ao máximo. Camuflava a sua implacabilidade como preocupação e a sua atitude de *bulldozer* como entusiasmo e personalidade de tipo A. As suas ações eram o que fazia dele o monstro que se tornara aos meus olhos. À distância, contudo, era apenas mais um cidadão cumpridor da lei. Um pobre rapaz holandês que viera para os Estados Unidos com os pais, cumprira o sonho americano e se tornara milionário através de trabalho duro e determinação implacável.

Parecia preocupado, e talvez estivesse, mas não com o meu bem-estar.

— Pai. — Limpei a cara com o braço, detestando ter de lhe chamar aquilo só para lhe agradar. Ele não conquistara o título. — Não vieste aqui para falar sobre «o miúdo Protsenko». Que posso fazer por ti esta manhã?

— Cravei a prancha de *surf* na areia e encostei-me a ela, e ele estendeu a mão para me tocar no rosto antes de se lembrar de que eu estava molhada e voltar a pôr a mão no bolso. Nesse momento parecia tão humano. Quase como se não tivesse uma agenda escondida.

— Onde é que escondeste as cartas de aceitação das universidades de Boston e Columbia? — Estacionou as mãos na cintura, e o meu queixo quase caiu para a areia. Ele não devia saber daquilo, obviamente. Eu tinha sido aceite em cinco universidades: Harvard, Cornell, Columbia, Brown e Yale. A minha média era de quatro vírgula um e o meu apelido era Van Der

Zee, o que significava que essas pessoas sabiam que o meu pai doaria um par de milhões de dólares e um rim à sofisticada instituição que o livrasse da minha presença. Infelizmente, eu nunca tivera muito interesse em frequentar uma universidade fora do estado. A razão óbvia era o *surf*. Era o meu oxigénio e ar. O Sol e o céu aberto eram o alimento da minha alma. Mas a principal razão era a única pessoa de quem gostava neste mundo estar na Califórnia, e eu não iria a lado nenhum. Nem sequer para Stanford, no Norte.

O Jordan sabia perfeitamente disso.

— Não as escondi. Queimei-as. — Despi o fato de *surf*, o látex a bater-me punitivamente na pele enquanto revelava o pequeno biquíni roxo por baixo. — Ficarei perto dele.

— Estou a ver — disse ele, sabendo que não falávamos do Bane. A razão para o meu pai ter decidido ter esta conversa na praia e não em casa era não poder dar-se ao luxo de que a minha mãe nos ouvisse. Lydia Van Der Zee encontrava-se num estado frágil, a sua sanidade constantemente no fio da navalha. Gritar era um limite rígido para ela e este tópico era bastante volátil para descambiar para uma briga forte.

— Di-lo. — Fechei os olhos, um suspiro rolando-me da garganta.

— Edie, acho que te falhei como pai e, por isso, peço desculpa.

Eu estava a tremer. A adrenalina do *surf* esmorecera há muito. Estava praticamente nua e exposta, esperando que o sol ardente surgesse para me acariciar a pele.

— Desculpas aceites. — Não acreditei nem por um momento. — Então, qual é o teu próximo esquema? Porque tenho a certeza de que há um. Não vieste aqui para ver como eu estava.

— Visto que não vais para a universidade este ano, e que fique claro que isso não significa que não irás no próximo, e visto que terminaste oficialmente a escola secundária, acho que deves ir trabalhar para mim.

Para. Não com. O diabo está nos detalhes.

— Num escritório? Não, obrigada — disse eu sem emoção. Ensinava miúdos a surfar três vezes por semana. Agora que eram as férias do verão, estava a tentar arranjar mais trabalho. Sim, também roubava regularmente desde que o meu pai me cortara o fluxo de dinheiro. Tentava pagar a minha gasolina e o seguro, roupas e vida e *ele*, e não ia pedir desculpa por roubar o dinheiro. Quando não estava a roubar, estava a empenhar coisas da mansão do meu pai. Aquela que comprara em Todos Santos no minuto em que se introduzira no clube da lista *Forbes*. Joias. Aparelhos eletrónicos.

Instrumentos musicais. Caramba, era capaz de pôr no prego o cão da família, se tivéssemos um. Tinha muito poucos limites quando se tratava de manter o rapaz que eu amava feliz e contente. E, sim, roubar não era um limite rígido. Embora só roubasse aqueles que podiam aguentar o golpe financeiro. Certificava-me disso.

— Não é um pedido. É uma ordem — disse o meu pai, dando-me pancadinhas no cotovelo. Enterrei os calcanhares com mais força na areia.

— E se eu recusar?

— Nesse caso, o *Theodore* tem de ir — enunciou o meu pai, sem pestanejar. A facilidade com que disse o nome dele quebrou-me o coração. — Tem sido uma distração constante na tua vida. Por vezes, pergunto-me o quanto terias progredido se o tivesse feito há anos.

O caos fervilhou dentro de mim. Queria empurrá-lo, cuspir-lhe na cara e gritar, mas não podia porque ele tinha razão. O Jordan tinha poder sobre mim. E muitas conexões. Se ele quisesse o Theo fora de cena, fá-lo-ia acontecer. Sem esforço.

— O que é o trabalho? — Mordi o interior da bochecha até o sabor metálico do sangue me percorrer a boca.

— Tudo o que houver para fazer no escritório. Sobretudo andanças. Nada de arquivo nem de atender telefonemas. Precisas de uma boa dose de realidade, Edie. Ser aceite em várias universidades de prestígio e recusá-las todas para poderes passar os dias a fazer *surf* com um ganzado? Esses dias acabaram. Está na altura de assentares. Vais comigo todos os dias às sete da manhã para abrir o escritório, e só sais quando eu mandar, mesmo que sejam sete ou oito da noite. Compreendido?

O meu pai nunca chegara tão longe na tentativa de me punir, e eu já fizera dezoito anos, mas isso não queria dizer nada. Ainda vivia debaixo do teto dele, ainda comia a sua comida e, mais importante, ainda estava à sua mercê.

— Porque é que me estás a fazer isto? Porquê aqui? Porquê agora? — Porém, a parte do aqui era bastante óbvia. Era a única altura em que ele sabia onde eu estava.

A sua pálpebra esquerda voltou a tremer, o queixo tenso.

— Por favor, foste tu que provocaste isto com o teu estilo de vida imprudente. Está na altura de honrares o teu nome. Não há necessidade destes teatros.

Então, virou-se e caminhou apressadamente para o *Range Rover* que esperava na berma do passadiço vazio. O motor estava ligado, o seu

motorista olhando para ele e para mim à vez, e depois vendo as horas no telemóvel. Um sorrisinho aflorou-lhe aos olhos. O meu pai levara menos de dez minutos a pôr-me na ordem.

Fiquei ali, como que enraizada no chão, como uma estátua de gelo. Odiava o Jordan com o género de paixão que as pessoas normalmente reservavam para o amor. Odiava-o como o ódio devia ser sentido — manchava-me a alma e envenenava-me a disposição.

— Desconfio de que agora lamentas não ter seguido o meu conselho para o mandar lixar-se — murmurou o Bane ao meu lado enquanto enterava a ponta aguçada da sua prancha na areia e fazia um rolo com o seu selvagem cabelo loiro.

Não respondi.

— Parece que acabaste de receber uma notificação. — Deu-me uma cotovelada, tirando uma *Budweiser* da mochila que ficara na areia, porque que importância tinha serem sete da manhã?

Segurei com força o meu colar de conchas e cerrei os dentes.

— Nem fazes ideia.